ASPECTOS MORFOLÓGICOS DA LIBRAS: REFLEXÕES NECESSÁRIAS SOBRE O PROCESSO DE FORMAÇÃO DE SINAIS

MORPHOLOGICAL ASPECTS OF LIBRAS: NECESSARY REFLECTIONS ON THE BRAZILIAN SIGN LANGUAGE FORMATION

José Marcos Rosendo de Souza[1]
[https://orcid.org/0000-0002-1876-803X]

Izaías Serafim de Lima Neto[2]
[http://orcid.org/0000-0002-0590-1890]

Edmar Peixoto de Lima[3]
https://orcid.org/0000-0001-8827-1136
DOI: http://doi.org/10.30612/raido.v15i39.14740

RESUMO: As investigações sobre os aspectos morfológicos relacionados à Língua Brasileira de Sinais (Libras) são relativamente recentes (consolidados a partir de 2004), quando comparados aos estudos da morfologia das línguas orais (a partir de 1968). O tardio interesse por essa área da linguística pode se justificar pelo reconhecimento também tardio da Libras no Brasil, tendo ocorrido somente no Século XXI, pela Lei 10.436 de 24 de abril de 2002. Sendo constatada como instrumento de comunicação e expressão das Comunidades Surdas Brasileiras, a Libras passou a ocupar diferentes espaços na sociedade contemporânea, sobretudo, no cenário acadêmico-científico. Nesse sentido, o presente estudo objetiva discutir os processos de formação de sinais da Libras, considerando sua modalidade linguística visuoespacial e, para isso, a investigação recorre, metodologicamente, aos preceitos de cunho bibliográfico, o que colabora para ampliar as pesquisas na área da morfologia da Libras. Os resultados deste trabalho apontam que é possível identificar os processos formativos, principalmente, do tipo "composição" e que, por se tratar de uma língua cuja modalidade é visuoespacial, os processos de formação de sinais (componente lexical da Libras) se distinguem daqueles identificados na língua oral.

Palavras-chave: Morfologia, Libras, formação de sinais.

1 Universidade Estadual do Ceará, Limoeiro do Norte-CE, Doutor, Professor Adjunto, jose.marcos@uece.br.

2 Universidade Federal do Amapá, Oiapoque-AP, Mestre, Professor Assistente, izaiaslima5@gmail.com.

3 Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró-RN, Doutora, Professora Adjunta, professoraedmar@gmail.com,.

ABSTRACT: Investigations into the morphological aspects related to the Brazilian Sign Language (Libras) are relatively recent (consolidated from 2004), when compared to studies of the morphology of oral languages (from 1968). The late interest in this area of linguistics can be justified by the also late recognition of Libras in Brazil, having occurred only in the 21st century, by Law 10,436 of April 24, 2002. Being verified as an instrument of communication and expression of the Brazilian Deaf Communities, Libras started to occupy different spaces in contemporary society, especially in the academic-scientific scenario. In this sense, the present study aims to discuss the sign formation processes of Libras, considering its visuospatial linguistic modality and, for this, the investigation methodologically resorts to bibliographic precepts, which collaborates to expand research in the area of Libras morphology. The results of this work indicate that it is possible to identify the formative processes, mainly of the "composition" type and that, as it is a language whose modality is visuospatial, the sign formation processes (lexical component of Libras) are distinguished from those identified in the oral language.

Keywords: Marília Garcia. Literary system. Contemporary poetry.

1 INTRODUÇÃO

A historiografia da Libras suscita indícios que orientam para o uso de uma língua de sinais no território brasileiro desde meados do Século XIX, quando, a convite do imperador D. Pedro II, esteve no Brasil o professor francês Huet. A função desse educador era alfabetizar e, consequentemente, incluir os Surdos4 brasileiros no processo de escolarização. Por essa razão, graças ao mestre francês, é fundado o Imperial Instituto Nacional de Surdos-Mudos em 1857; sendo, na atualidade, conhecido como o Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), responsável, inclusive, pela difusão da Libras no território brasileiro.

Todavia, mesmo sendo falada desde esse período, a Língua Brasileira de Sinais apenas recebe reconhecimento legal no Século XXI, graças a luta dos movimentos organizados pela minoria Surda, que ocasionou a promulgação da Lei 10.436 de 24 de abril de 2002 e a sua regulamentação por meio do Decreto 5.626 de dezembro de 2005. De modo geral, essa legislação determina, principalmente, que a Libras faça parte dos processos de formação de professores, o que possibilita sua disseminação em território nacional.

O amparo legal permitiu, mesmo que tardiamente, a propagação da língua em diferentes esferas sociais, sobretudo, na esfera científica. Esse processo de divulgação mobiliza diversas pesquisas, principalmente, por se fazer necessário o entendimento da organização linguística da Libras, no que se refere, especialmente, à morfologia e aos processos de formação de sinais. Interessante se faz destacar que quando pesquisamos sobre esse fenômeno no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes, o primeiro registro que versa sobre a temática data do ano de 2003. Esse dado nos revela que é imprescindível a realização de uma maior quantidade de investigações sobre a língua, no intuito de aclarar questões ainda não explicadas. Por isso, consideramos

4 Surdo com 'S' (maiúscula) se refere ao sujeito cultural, político e falante da língua de sinais, já surdo com 's' (minúsculo) estabelece referência à condição física do indivíduo.

relevante desenvolver um estudo sobre os aspectos organizacionais da morfologia da Libras, uma vez que, a nosso ver, esses saberes são fundamentais para a compreensão do ordenamento e das estruturas que constituem o processo linguístico dessa língua.

Assim, o presente estudo objetiva analisar os processos de formação de sinais da Libras, considerando sua modalidade linguística visuoespacial. Por se tratar de uma pesquisa de natureza bibliográfica, pautamo-nos em investigações já desenvolvidas, principalmente, as realizadas por Quadros e Karnopp (2004), Felipe (2006) e Figueiredo Silva e Sell (2011) e outros. Para tanto, situamos nossas discussões no aparato teórico sobre a Morfologia, que explica a dinâmica formativa do léxico das línguas naturais e inter-relacionamos com os aspectos da natureza morfológica da Libras.

As línguas de sinais também possuem uma dinâmica formativa própria das línguas de modalidade visuoespacial, mas que se assemelham ao princípio morfológico das línguas orais, isto é, as unidades lexicais podem apresentar mais processos composicionais no âmbito da formação do léxico do que derivacionais. O que poderá ser percebido, a seguir, no tópico que trata dos pressupostos teórico-analíticos deste trabalho.

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICO-ANALÍTICOS

Os postulados sobre a Morfologia se iniciam em meados do Século XIX, impulsionados, inicialmente, pelo "modelo evolucionista" de Darwin, com o objetivo de explicar a origem da linguagem (PETTER, 2016). Ainda de acordo com a autora, a Morfologia se subdivide em duas grandes áreas: i) a Lexical, na qual os mecanismos do sistema linguístico permitem que ocorra a derivação de palavras a partir de uma base; responsável por uma grande parte da "criatividade e produtividade da língua", o que implica constante renovação lexical e ii) a Morfologia Flexional, responsável pelos processos flexionais que possibilita a transformação das palavras, com a finalidade de estabelecer uma relação de concordância entre os termos que compõem as frases da língua. Essa conexão se materializa em função das necessidades sintáticas imprescindíveis à compreensão do texto.

Todavia, ainda de acordo com Petter (2016), os estudos sobre uma tipologia morfológica advêm das contribuições do filólogo alemão August Schleicher (1821-1868), os quais definiram as línguas naturais sob três perspectivas, a saber: línguas isolantes, línguas aglutinantes e línguas flexionais, decorrentes das características naturais de cada uma delas, isto é, o sistema linguístico dessas línguas possui especificidades particulares, como é o caso das línguas sinalizadas.

É pertinente para este trabalho expor as tipologias morfológicas para que possamos compreender de fato qual a natureza mórfica da Libras, mesmo que estudos anteriores, como o de Pizzio (2011), já tenham alcançado esse feito. No entanto, apresentá-los em nossa pesquisa torna-se relevante por acreditamos que algumas contribuições ainda poderão emergir desta temática, promovendo o alargamento de uma teoria morfológica da Libras.

Desse modo, as tipologias morfológicas das línguas naturais foram definidas por aquele filólogo alemão e apresentadas por Petter (2016), as quais podem ser compreendidas do seguinte modo:

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 15 | n. 39 | p. 10 – 26 | set/dez 2021

a) Línguas Isolantes são línguas que não possuem unidades mínimas de sentido (lexical ou gramatical), sendo as palavras compreendidas como raízes;

b) Línguas Aglutinantes, cujas palavras são formadas pela combinação de elementos mínimos, como raízes e afixos, que são determinantes para mudanças de significados;

c) Línguas Flexionais são aquelas em que as palavras sofrem flexão de gênero, número e grau, por exemplo, originando novas formas de registro de uma mesma palavra.

Nessa perspectiva estrutural, de acordo com Felipe (2006), é possível identificar aspectos do comportamento linguístico da Libras, tanto de tipologia aglutinante quanto de tipologia flexional, isso porque ora os sinais são formados pela combinação de unidades mórficas, como raízes e afixos, ora são concebidos por um processo de aglutinação. De modo mais explícito, a autora elenca e define os seguintes processos de formação de sinais:

> i) Modificação por adição à raiz, que, de acordo com Felipe (2006), pode ocorrer como processo sufixal e infixal (ou a adição de negação como infixo). No primeiro caso, a partícula negativa se comporta como sufixo, pois ela é incorporada à raiz de alguns verbos que têm como radical o movimento, isto é, o verbo possui movimento em um primeiro momento e é finalizado com um movimento oposto:
>
> [...] que caracteriza a negação incorporada, como nos verbos QUERER/QUERER-NÃO, SABER/SABER-NÃO, GOSTAR/GOSTAR-NÃO. Esse movimento contrário não é um item lexical para negação, seria como, em português, o prefixo {anti-}, mas que, na Libras, vem posposto à raiz, daí, a análise dele como um sufixo de negação (FELIPE, 2006, p. 203).

No segundo caso, como processo infixal, a partícula negativa é incorporada simultaneamente ao movimento do sinal ou com o movimento da cabeça. Nesse caso, diferentemente do anterior, não há o acréscimo de informação negativa, pois a negação tende a se unir ao sinal e para exemplificar, a autora situa os verbos TER/TER-NÃO, ENTENDER/ENTENDER-NÃO e PODER/PODER-NÃO[5]. Além dessa possibilidade de formação, as construções de sinais negativos podem ocorrer sintaticamente, como em frases do tipo SABER NADA ou ENTENDER NADA (FELIPE, 2006), em suas formas afirmativas e negativas.

Esse processo também é identificado nas produções de Quadros e Karnopp (2004) como incorporação de negação. As autoras salientam que a partícula negativa pode ser incorporada a um sinal pré-existente e, para tanto, isso pode ocorrer de duas formas diferentes: alteração da base paramétrica, mudando-se o parâmetro movimento, e o acréscimo negativo mobilizado por meio da expressão facial.

Nesse caso, a incorporação de negação é semelhante àqueles apresentados por Felipe (2006), todavia, Quadros e Karnopp (2004) não utilizam a nomenclatura sufixo ou infixo, inferimos, portanto, que esse não uso se justifique pelo fato de essas denominações serem próprias das línguas orais. Desse modo, o que encontramos nesse

5 Palavras e expressões em caixa alta, no decorrer do texto, referem-se ao registro da Libras em Língua Portuguesa, através do sistema de glosas. Esse modo de grafar a língua de sinais é recomendado por teóricos da área.

processo de formação pode ser considerado apenas acréscimo de informação linguística, não um processo tradicionalmente nomeado de sufixal. Xavier e Grespan-Neves (2016) salientam que esse tipo de incorporação está relacionado a determinado grupo semântico de sinais, tais como: tempo, dinheiro e colocação (1º, 2º, 3º etc) ou seriação escolar.

Ainda com relação aos processos de formação elencado pela autora, destacamos a segunda exemplificação ii), que consiste na modificação interna da raiz. De acordo com Felipe (2006), ocorre, nesse processo, a alteração dos sinais do seguinte modo:

a) A flexão para a pessoa do discurso por meio da direção do movimento em verbos que apresentam como característica o movimento retilíneo ou semicircular;

b) A flexão para o aspecto verbal, na qual há mudança na frequência ou velocidade do movimento, o que marca os casos modais de determinados verbos6;

c) A flexão de gênero, que realiza a marcação de gênero para pessoa, animal e objeto. Felipe (2006) salienta que esse tipo de construção é realizado com a utilização de configurações de mãos específicas;

d) A incorporação de numeral ocorre quando é adicionado à raiz um numeral quantificador, de um até quatro, realizado por meio de configuração de mão (FELIPE, 2006). Isso ocorre, principalmente, em sinais (grafados em maiúsculos) que apresentam duração ou quantificação de tempo, como em AULA 4-HORAS ACABAR ou TER 3-MESES AULA.

Esse tipo de processo é definido por Quadros e Karnopp (2004) não como um processo flexional, mas como um tipo de incorporação semelhante ao processo de incorporação da negação. Sendo assim, o seguimento flexional consiste em promover combinações, nas quais os morfemas presos (como as desinências de plural que não apresentam significação) se combinam e formam novos significados, como no caso de quantitativo para meses e duração de tempo.

Sobre isso, Quadros e Karnopp (2004, p. 107 e 108) afirmam que "[m]orfemas presos são diferentes de morfemas livres, que podem ocorrer isoladamente. Por exemplo, o sinal ONTEM na língua de sinais brasileira, é um morfema livre, [...] é uma unidade com significado [...]". Compreendemos que, nos casos exemplificados pelas autoras, o sinal referente ao mês se configura enquanto morfema livre, tendo em vista que isoladamente apresenta um significado. E o morfema preso seria a quantificação que lhe é incorporada, fazendo as alterações necessárias para o sinal.

e) A incorporação do intensificador MUITO ou de casos modais é realizada quando há alteração na frequência do movimento (FELIPE, 2006).

> iii) Processos de Derivação Zero, que, ainda de acordo com a autora, também é comum na língua inglesa e ocorre quando verbos e substantivos dependem do contexto comunicativo para serem compreendidos, como por exemplo, o substantivo cadeira e o verbo sentar, os quais partilham de um mesmo sinal. Logo, compreendemos que é possível "derivar" o instrumento da ação, ou vice-versa.

6 Caso modal: uma expressão facial específica, sinalizada pela boca simultaneamente com a sinalização de um verbo, marca um caso modal (FELIPE, 2013, p. 81).
Fonte: (FELIPE, 2013)

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 15 | n. 39 | p. 10 – 26 | set/dez 2021

Esse tipo de construção também é comum no caso de verbo/adjetivo, pois na Libras não há o verbo SER. Sobre essa questão, Felipe (2006, p. 205) afirma que

> Como, na Libras, não há verbo copular SER em contexto com um atributo predicativo, pode-se falar também em derivação zero para o par verbo/adjetivo, como nos verbos de mudança de estado (grafados em maiúsculo): EMAGRACER/MAGR@, AMARELAR/AMAREL@ que possuem a mesma forma.

O aspecto relativo a derivar nomes de verbos é identificado por Quadros e Karnopp (2004) como derivando nome de verbos, que consiste na mudança de categoria gramatical, pois, como o próprio princípio expressa, a categoria nome é produto de uma derivação deverbal. Esse aspecto também é comum na Língua Portuguesa e, de acordo com Rio-Torto (2007), é preciso que o verbo e o nome apresentem uma relação de pertencimento ou uma relação semântica para que seja possível ocorrer a derivação.

Partindo desse pressuposto, na Libras, identificamos um conjunto de sinais que materializam os princípios descritos anteriormente. Assim, podemos apontar, como exemplo: TELEFONAR-TELEFONE, ESTUDAR-ESTUDO, PECAR-PECADO, SENTAR-CADEIRA, conforme pode ser visto respectivamente nas figuras 1, 2, 3 e 4:

Figura 1: Sinal TELEFONAR/TELEFONE



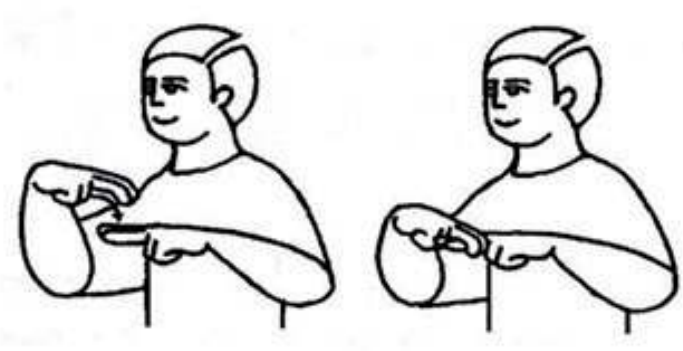
Fonte: Capovilla ***et al*** (2017)

Figura 2: Sinal ESTUDAR/ESTUDO



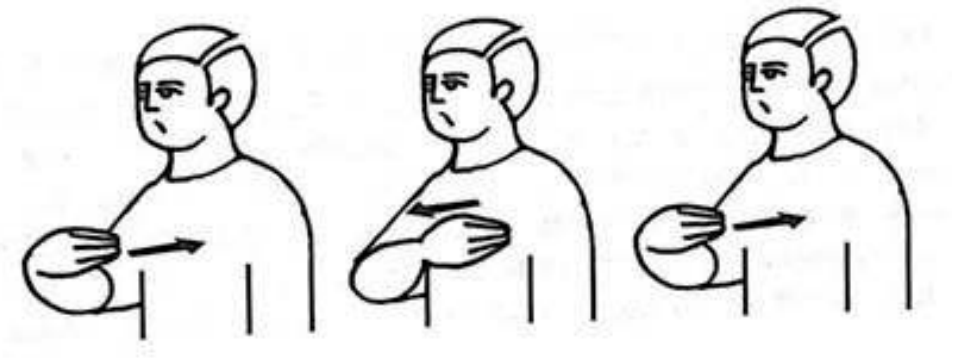
Fonte: Capovilla ***et al*** (2017)

Figura 3: Sinal SENTAR/CADEIRA



Fonte: Capovilla *et al* (2017)

Figura 4: Sinal PECAR/PECADO



Fonte: Capovilla et al (2017)

Ao observarmos as figuras 1, 2, 3 e 4, podemos perceber que há semelhanças entre os pares de sinais, pois o substantivo deriva do verbo por meio do acréscimo do parâmetro Movimento. Nesse caso, esse constituinte sofre reduplicação, ou seja, para a formação da categoria lexical substantivo, o movimento "repete e encurta" (QUADROS; KARNOPP, 2004).

Ao abordar esse processo derivacional nas línguas orais, Petter (2016) o define como um processo de afixação, o qual repete os fonemas que servem de base para palavra, seja os modificando ou não. E, Gonçalves (2016, p. 57) salienta que esse processo ocorre de forma não linear, pois "[...] envolve a cópia de material fonológico de uma base, à qual se chega, algumas vezes, por meio de um encurtamento."

Os aspectos apresentados por Petter (2016), Gonçalves (2016), Quadros e Karnopp (2004) remetem-nos à construção desse tipo de processo na Libras, pois é possível perceber que se realiza a mesma reduplicação. Ocorre diferenciação daqueles pares de sinais pelo parâmetro movimento, já que ele é visto como uma unidade fonológica, o que nos leva a crer que esse tipo de derivação ocorre apenas para sinais que pertencem a uma mesma cadeia semântica, como é o caso dos verbos e substantivos apresentados anteriormente. Gonçalves (2016) ainda salienta que a reduplicação pode desempenhar

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 15 | n. 39 | p. 10 – 26 | set/dez 2021

tanto função gramatical quanto lexical. Desse modo, naqueles sinais, acreditamos que há a função lexical, pois o fenômeno resulta na formação de um novo item que apresenta significação própria.

> iv) Os processos de composição são aqueles que podem agrupar diferentes categorias de sinais que, de acordo com Felipe (2006, p. 207), "[...] utilizam-se itens lexicais que são morfemas livres, que se justapõem ou se aglutinam para formarem um novo item lexical". Desse modo, segundo a autora, a justaposição pode ocorrer alicerçada nos seguintes modos:

a) A justaposição de sinal + sinal – como no caso do sinal CASA^ESTUDAR = ESCOLA;
b) A justaposição de um sinal + um classificador, a exemplo disso temos o sinal ALFINETE ($_{\text{coisa-pequena}}$^PERFURAR) (FELIPE, 2006);
c) E a "Justaposição da datilologia da palavra, em português, com o sinal que representa a ação realizada pelo substantivo que, na sede semântica da ação verbal, seria seu caso instrumental. Exemplo: COSTURAR-COM-AGULHA^A-G-U-L-H-A 'agulha'" (FELIPE, 2006, p. 207).

Ao corroborar essa afirmação, Quadros e Karnopp (2004) afirmam que o processo denominado de formação de compostos tem como função gerar itens lexicais com significados diferentes da sua base ou dos sinais que serviram para esse fim. Logo, "O resultado da composição é que um novo significado é criado. Não há como predizer o significado de um novo sinal apenas olhando o significado dos sinais que formam o composto" (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 106).

As afirmações de Figueiredo Silva e Sell (2011), sobre o processo composicional, parecem-nos apresentar contribuições significativas para que possamos compreender a natureza dos processos morfológicos dos itens lexicais da Libras. Desse modo, as autoras elencam os seguintes processos composicionais: compostos aparentes, compostos verdadeiros e compostos frasais, os quais apresentam distinção terminológica e conceitual daqueles apresentados por Felipe (2006) e podem ser definidos assim:

a) Compostos aparentes é o processo que se refere à formação dos sinais que não apresentam marcação de gênero, logo, para esse tipo de construção, é usado o substantivo mais o sinal HOMEM ou MULHER. Figueiredo Silva e Sell (2011) esclarecem que essa composição ocorre porque na Libras não há marcação morfológica de gênero desinencialmente.

Além disso, essa construção ocorre de modo variável, pois o sinal HOMEM ou MULHER pode ser anteposto ou posposto ao substantivo a que se refere. Sendo assim, de acordo com a autora, tanto se encontram construções, como HOMEM^CRIANÇA ou CRIANÇA^HOMEM. Além disso, ainda há outras especificidades em se tratando dessa composição, conforme explicitam as autoras:

> [...] a aposição não é obrigatória e apresenta ordem variável. Além disso, a aposição dos sinais HOMEM ou MULHER na Libras em geral não é obrigatória, pois é possível usar sinais como CRIANÇA, BEBÊ, JOVEM, IRM@ sozinhos na língua, sem qualquer referência ao sexo do referente (FIGUEIREDO SILVA; SELL, 2011, p. 18).

b) Compostos verdadeiros são considerados por Figueiredo Silva e Sell (2011) como um dos processos mais produtivos na formação de sinais e tem como finalidade

a produção de itens lexicais baseados na justaposição de sinais dissemelhantes. Diferentemente do processo composicional apresentado anteriormente, esse é realizado seguindo uma ordem fixa, como na matriz lexical CASA+N, em que o sinal CASA é usado para designar lugares ou locais como em PADARIA = CASA^PÃO, AÇOUGUE = CASA^CARNE e ESCOLA = CASA^ESTUDAR. E HOMEM ou MULHER+N são usados nas construções que se referem a profissões, a exemplo, HOMEM^FEIRA = FEIRANTE ou MULHER^COSTURA = COSTUREIRA. As autoras esclarecem que nesse último caso se distingue dos compostos aparentes, porque há uma ordem fixa, na qual, obrigatoriamente o item lexical HOMEM ou MULHER deve ser executado primeiro.

c) Compostos frasais consistem em um tipo de composição que, de acordo com Figueiredo Silva e Sell (2011), ocorre na Libras quando um sinal é formado por mais de dois itens lexicais e sua organização na construção é variável. A exemplo desse tipo de construção, podemos citar HOMEM^CARNE^VENDER, que significa açougueiro. De acordo com os autores supracitados, "[...] neste tipo de combinação entre sinais, pode haver omissão do sinal que carrega a informação sobre o sexo do referente [então] seria mais adequado chamarmos de locuções". (Ibidem, p. 23, inserção nossa)

> v) Processo mimético ou icônico é um processo pelo qual, de acordo com Felipe (2006), ocorre quando a mímica se torna forma linguística, isto é, representa mimeticamente o seu referente. "Na verdade, não se faz a mímica simplesmente, esta é incorporada pela língua e se estrutura a partir dos parâmetros de cada LS, como as onomatopéias (sic.) nas línguas oral-auditivas" (FELIPE, 2006, p. 206).

O processo mimético também pode ser compreendido em nível de iconicidade, como um dos recursos comunicativos que apresenta como finalidade estabelecer a construção de sentidos. Esse recurso também faz uso de classificadores (CL), tendo em vista que pode replicar ações, formas e tamanhos de determinados objetos, e sobre seu uso no universo morfológico da Libras, Bernardino (2012, p. 252) afirma que esses recursos

> [...] são responsáveis pela formação da maioria dos sinais já existentes, assim como pela criação de novos sinais. Os CLs, por serem na maioria das vezes icônicos, lembram de alguma forma, alguns gestos que acompanham a fala. Por esse motivo, também são muitas vezes confundidos com estes, embora tenham características distintas e regras de formação bem claras.

Considerando a funcionalidade e o uso dos classificadores na construção lexical da língua visuoespacial, tais elementos podem apresentar as seguintes tipologias referentes a diferentes possibilidades de inserção nas unidades lexicais:

- Classificador descritivo (CL-D), seu uso está relacionado à descrição de objetos, quanto ao tamanho, forma, aparência, textura ou até mesmo o desenho do objeto. Esse tipo de CL, geralmente, é usado com as duas mãos com formas simétricas ou assimétricas;
- Classificador semântico (CL-S) tem por função representar a categoria semântica de um objeto;
- Classificador de uma parte do corpo (CL-PC) consiste no uso, pelo sinalizante, das configurações de mãos que representam partes específicas do corpo, posição e ação desempenhada pela parte representada;

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 15 | n. 39 | p. 10 – 26 | set/dez 2021

- Classificador instrumental (CL-I) é usado quando se manuseia determinado objeto7 (BERNARDINO, 2012).

Apresentados os possíveis processos morfológicos que constam na Libras, é necessário que apresentemos as nossas inferências sobre a formação dos itens lexicais dessa língua. Discordamos dos pressupostos apresentados por Felipe (2006) que se referem à derivação (sufixal e infixal), pois as características comportamentais da morfologia da Libras nos levam a crer que suas unidades lexicais não podem ser segmentadas em unidades menores de significação.

O comportamento linguístico da Libras é próprio das línguas isolantes, como é o caso do chinês. Acrescentamos que, mesmo apresentando esse aspecto, a língua de sinais não está isenta de processos aglutinativos e flexionais, mas esses ocorrem de modo a seguir os princípios das línguas visuoespaciais. Para tanto, expomos dois motivos que nos levam a pensar essa afirmativa:

> O primeiro, pela ótica morfológica, nas línguas aglutinantes, as palavras podem ser decompostas em subunidades, conforme expõe Petter (2016), é o que ocorre, por exemplo, com o português cans (radical) + a (vogal temática) + r (desinência) = cansar. Por esse princípio, as palavras que decorrem desse radical tendem a manter a unidade mórfica cans, nesse caso, o mesmo radical. Isso acontece tanto nos processos de ordem gramatical, quanto nos de ordem flexional, por isso, encontramos formações como cansamos e cansativa.

Essas unidades menores, em nosso texto são apresentadas como unidades mórficas e definidas por Petter (2016) como morfemas, pela ótica estrutural tornam-se a unidade central do estudo da área da morfologia. Ainda de acordo com a autora, esses elementos podem ser compreendidos como "signos mínimos" que portam significado lexical e/ou gramatical.

É justamente isso que contestamos com base no princípio morfológico apresentado por Felipe (2006), pois, ao tentarmos identificar esse preceito em determinados sinais, eles não aparecem nitidamente, talvez pela própria definição do que é a unidade mórfica na língua de sinais.

Ao transpormos a noção de morfema, própria das línguas orais, para a morfologia da língua de sinais, encontramos barreiras que impedem a compreensão da forma dos sinais, porque essa noção nos remete à segmentação do sinal em unidades menores de sentido, tal qual como ocorre no português, em que os itens lexicais podem ser decompostos, como, infiel que é formada por prefixação = in + fiel, ou ainda em palavras que se diferenciam pela flexão de gênero, como se vê em bonito(a).

Então, ao tentarmos pôr em prática esse tipo de decomposição, não conseguimos identificar unidades que desempenham a função lexical, a exemplo dos radicais, ou a função gramatical, como as desinências. Isso pode ser visualizado facilmente quando observamos, por exemplo, os sinais CANSAR e CANSATIV@, das palavras em português que partem do mesmo radical, visualizados na figura 5, a seguir:

7 Salientamos que para síntese e siglas de cada Classificador nos baseamos no texto disponível no site http://www.fatecc.com.br/alunos/apostilas/Libras/Classificador/classificador.pdf. Ele não está posto nas referências por não apresentar autoria (É uma cartilha de LIBRAS).

Figura 5: Sinais CANSAR e CANSATIV@



Fonte: Capovilla (2017, p. 548-549)

Sendo assim, os sinais não apresentam nenhum constituinte em comum, pois as unidades mínimas de composição ou parâmetros formacionais[8] Configuração de Mão e Ponto de Locação, consideradas por Quadros e Karnopp (2004) como unidades basilares dos itens lexicais, apresentam-se distintas. Assim, o sinal CANSAR tem forma da CM-47 e CANSATIV@ (formato que lembra a letra Y) é formado com a CM-30, de acordo com o quadro de Configurações de Mãos apresentado por Quadros (2019). Nesse sentido, não podemos considerar esses dois parâmetros como radicais, tendo em vista que, pela lógica morfológica das línguas orais, eles deveriam ser mantidos por serem raízes de acordo com os pressupostos apresentados por Felipe (2006).

O segundo motivo que nos fez perceber a distinção entre os princípios morfológicos já abordados se refere ao tipo de língua flexional. De acordo a literatura existente, essas línguas sofrem mudanças quando são acrescidos elementos gramaticais, como desinências de número e de gênero. A exemplo disso, podemos citar a palavra CANSATIVAS que possui a desinência de gênero *a* (marca o gênero feminino) e o *s* (marca o plural).

De acordo com Felipe (2006, p. 202), os morfemas da Libras podem desempenhar a mesma função das unidades mórficas da língua portuguesa, para tanto, a estudiosa os identifica do seguinte modo: "[...] morfemas lexicais ou gramaticais que podem ser, diferentemente, uma raiz/radical (M), um afixo (alterações em M e CM) e uma desinência, ou seja, uma marca de concordância número-pessoal (DIR) ou de gênero (CM)."

Contrariamente a isso, na Libras, os processos flexionais de marcação de gênero e/ou de número são evidenciados por acréscimo de informação linguística, isto é, não podemos considerar essas informações como desinências, pois não consiste em apenas acrescentar uma unidade mínima, como um movimento ou uma configuração de

8 O léxico da Libras é gerado por parâmetro formacionais ou unidades mínimas de formação. São num total de seis, as quais são manipuladas pelo falante podendo gerar modificação. A Configuração de Mão refere-se ao formato que a mão assume durante a sinalização; a Locação é o lugar onde o sinal é realizado podendo ser ancorado ao corpo ou no espaço neutro; o Movimento é o parâmetro pelo qual são realizados movimentos de diferentes tipos; a Orientação da palma da mão faz referência ao posicionamento da palma da mão durante a sinalização; as expressões faciais e corporais têm função sintática e semântica; e o uso das duas mãos, que também é visto como um parâmetro (QUADROS, 2019).

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 15 | n. 39 | p. 10 – 26 | set/dez 2021

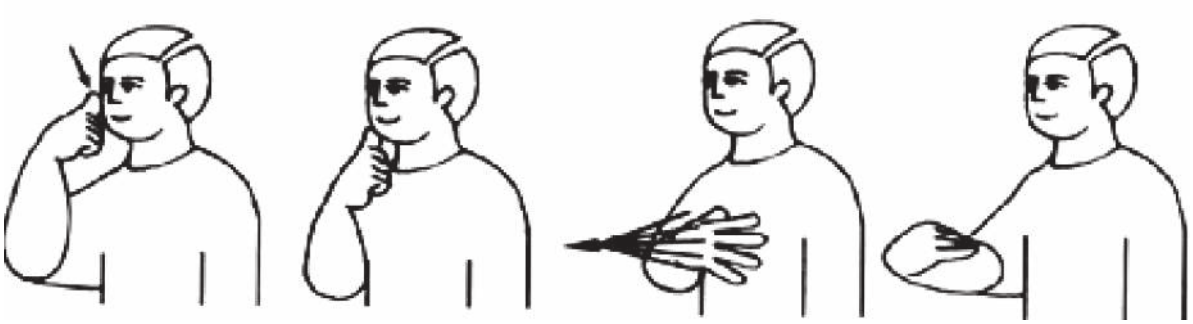
mão, existem alguns sinais que tomam por desinência um sinal completo, e que poderá desempenhar a mesma função de uma desinência na Língua Portuguesa. Por esse princípio, de acordo com Figueiredo Silva e Sell (2011), deparamo-nos com um processo composicional aparente, formado por dois sinais simultaneamente executados que suscita a informação de gênero, conforme pode ser visto nas Figuras 6, 7 e 8:

Figura 6: Sinal para palavra Filh@



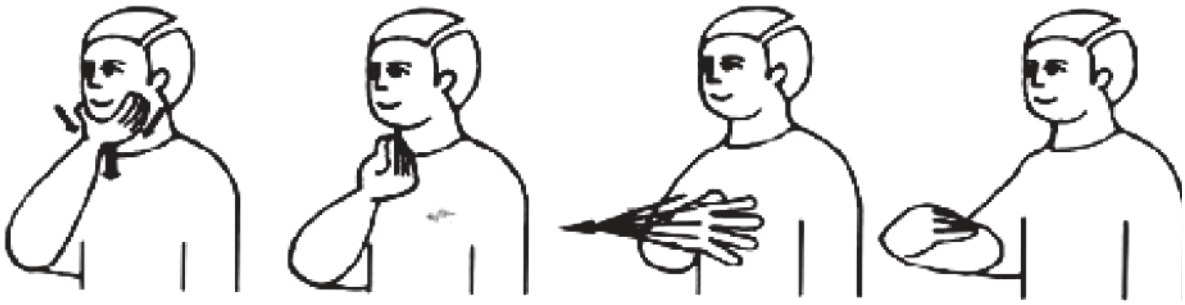
Fonte: Capovilla *et al* (2017, 1299)

Figura 7: Sinal para palavra Filha



Fonte: Capovilla *et al* (2017, 1299)

Figura 8: Sinal para palavra Filho



Fonte: Capovilla *et al* (2017, 1299)

A sequência de sinais confirma as nossas inferências, tendo em vista que, conforme pode ser observado, a marcação de gênero ocorre com o acréscimo do sinal HOMEM ou MULHER (pois, incialmente, temos apenas o sinal FILH@, sem a identificação de gênero). Logo, como se acrescentam os sinais HOMEM + FILH@ = FILHO e MULHER + FILH@ = FILHA, ocorre a distinção do princípio morfológico da língua portuguesa, uma vez que, para marcação de gênero, acrescenta-se uma partícula.

Esse tipo de processo morfológico, mesmo com função flexional, é realizado como composição, tipo de formação também encontrada na língua portuguesa quando se agrupam palavras de campos lexicais diferentes, como pão-de-queijo, mas, no caso da língua de sinais, executam-se dois sinais diferentes em sequência para formar um novo item lexical. Esse fenômeno se apresenta diferente do princípio que expomos anteriormente, no entanto, acreditamos que esse processo composicional também pode ser utilizado para marcação de gênero, pois parte da junção de dois sinais distintos e imprimem, nessa construção, outra função.

Esse posicionamento corrobora as afirmações de Figueiredo Silva e Sell (2011, p. 15-16) ao afirmarem que há mais processos composicionais do que propriamente flexionais na Libras.

> A formação de sinais por composição parece ser muito produtiva na Libras, já que, como veremos, é possível em inúmeras circunstâncias a justaposição de dois ou mais sinais para formação de um novo item lexical na língua. A rigor, a composição parece ser o grande processo de formação de palavras nessa língua, pois nela veem-se poucos indícios daquilo que chamamos de flexão ou derivação convencionalmente.

Com base em tais postulados, afirmamos que os processos de formação de sinais da Libras não podem ser explicados somente pelo viés da morfologia tradicional, conforme nos apresenta Felipe (2006). Esse pensamento contrário se justifica pelo fato de a morfologia abordar essa perspectiva, exclusivamente, na ordem derivacional ou flexional e, pelo que percebemos, esses preceitos não conseguem contemplar as particularidades presentes na Libras, portanto, não se configuram em elementos capazes de explicar os fenômenos da língua. As unidades lexicais que constitui a Libras não podem ser segmentadas em unidades mórficas de sentido e, além disso, o processo de derivação apenas pode ser aplicado quando o verbo e o nome, por exemplo, ocupam a mesma cadeia semântica. No caso da flexão de gênero, essa é realizada por acréscimo de um item lexical diferentemente das línguas orais flexionais que adicionam apenas morfemas presos como a desinência *-s*, na língua portuguesa.

De acordo com Quadros e Karnopp (2004), os estudos revelam dificuldades na abordagem morfológica da língua, pois os fenômenos linguísticos sofrem influência dos fatores tradicionais que decorrem dos estudos das línguas orais (é o que ocorre com os pressupostos de Felipe (2006)). Consequentemente, essa questão suscita a aplicação de nomenclaturas e conceitos próprios desse campo de estudo, o que acaba gerando conflitos, pois a Libras não segue os mesmos princípios formativos das línguas orais, por essa razão, torna-se quase impossível encontrar conceitos idênticos.

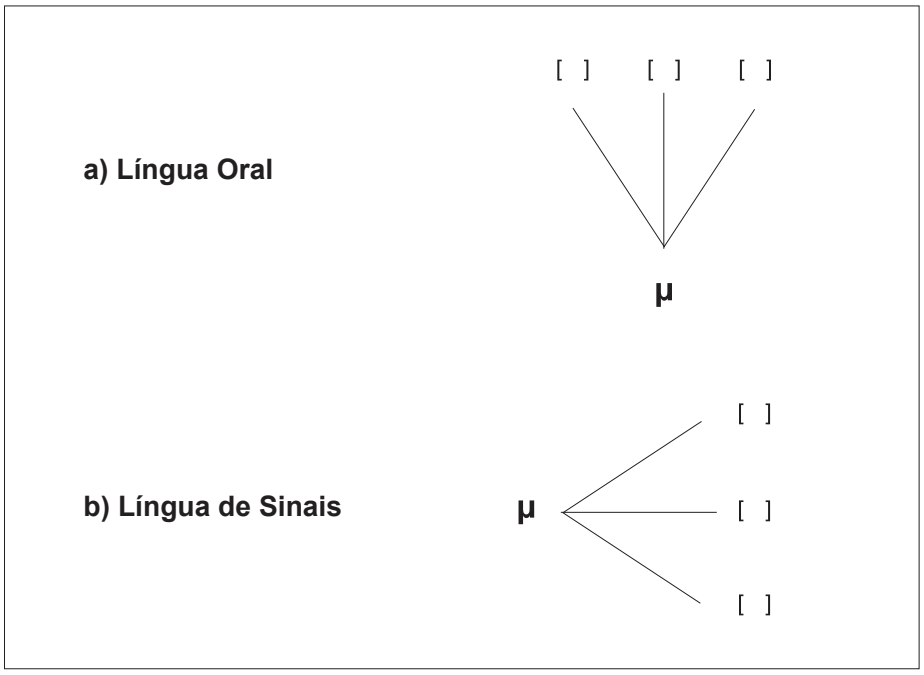
Sobre esse aspecto, Quadros e Karnopp (2004) e Pizzio (2011) afirmam que, graças a sua complexidade, a Língua de Sinais apresenta diferenças morfológicas quando comparadas às línguas orais, pois enquanto nessas, as palavras são criadas

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 15 | n. 39 | p. 10 – 26 | set/dez 2021

por adição de prefixos ou sufixos às suas raízes, naquelas, os sinais "[...] resultam freqüentemente (sic.) de processos não-concatenativos em que uma raiz é enriquecida com vários movimentos e contornos no espaço de sinalização" (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 87).

Podemos compreender que os aspectos que constituem a morfologia da Libras são distintivos e permitem acionar aspectos singulares dessa língua que a diferencia das línguas orais, pois, de acordo com Pizzio (2011, p. 96), a morfologia daquela língua "[...] é muito mais simultânea do que sequencial e envolve modulações no espaço de sinalização que são típicas da modalidade das línguas de sinais." Isso é visível no processo de construção de palavras e sinais, pois, por serem línguas de modalidades diferentes, elas seguem princípios construcionais distintos, conforme quadro 1, a seguir:

Quadro 1: Princípios Construcionais das Línguas Naturais



Fonte: Hulst (1993, p. 210) *apud* Quadros e Karnopp (2004, p. 49)

Desse modo, podemos inferir que, mesmo partindo da ideia de morfologia, os processos formativos das línguas de sinais são distintos das línguas orais, pois enquanto essas são sequenciais (as unidades mínimas de formação se agrupam sequencialmente de modo a formar uma palavra, como por exemplo, o agrupamento de radical + sufixo), naquelas, o processo formativo é simultâneo (PIZZIO, 2011). O agrupamento das unidades mínimas ocorre deliberadamente, permitindo atribuir-lhe complexidade e "[...] muitos processos morfológicos são incomuns e logicamente impossíveis para as línguas faladas [...]" (PIZZIO, 2011, p. 96). Isso é corroborado por Xavier e Ferreira (2021), ao afirmarem que as línguas de sinais possuem comportamento morfológico das línguas sequencial e simultâneo.

Sob esse contexto, podemos afirmar que é necessário enquadrar os aspectos morfológicos da Libras numa perspectiva não-tradicional, tendo em vista que a Morfologia Sequencial, própria das línguas orais, não dá conta de perceber as peculiaridades daquela língua, mesmo que essa também apresente, em menor número, aspectos sequenciais.

Pizzio (2011) ressalta que a simultaneidade é universal e pode ser encontrada em todas as línguas de sinais que já foram pesquisadas. Sobre esse aspecto, a autora destaca as seguintes características: é um tipo de morfologia considerada universal entre línguas de sinais, relaciona-se à cognição espacial, é motivada, não está relacionada a palavras livres, é coerente semanticamente, é produtiva e possui menos variação individual.

Desse modo, esse pensamento contribui para que os estudos sobre a Morfologia da Língua Brasileira de Sinais possam ser ampliados, tendo em vista que abordar os fenômenos dessa língua com base nos preceitos tradicionais decorrentes de estudos morfológicos das línguas orais é desconsiderar as particularidades morfológicas que constitui a língua (ROSENDO-SOUZA, 2020). Assim sendo, convém salientar que discutir os processos da morfologia que subjaz o entendimento do processo de construção dos sinais, considerando os pressupostos de que a Libras possui características próprias de organização dessa morfologia é imprescindível para o desenvolvimento de outras investigações que visem à compreensão da formação dos sinais.

CONCLUSÃO

O reconhecimento da Libras como língua das Comunidades Surdas brasileiras provocou mudanças significativas em diferentes campos, sobretudo, no científico, que passou a investigar os fenômenos linguísticos da língua em diferentes áreas da linguística. É nesse entremeio que oportunizamos a discussão dos aspectos morfológicos da Libras, com base na sua modalidade visuoespacial.

Desta feita, o aparato teórico nos permitiu conhecer a presença de uma insipiente teoria própria da morfologia da língua de sinais, tendo em vista que, tradicionalmente, o que guia os interessados nessa área são os princípios da morfologia das línguas orais. Em outras palavras, a tradição morfológica é utilizada como parâmetro, na tentativa de compreender os processos morfológicos da língua visuoespacial pautados na dinâmica formativa da Língua Portuguesa.

Essa questão se reflete, principalmente, nas escolhas terminológicas que objetivam nomear e definir os processos formativos dos sinais presente no repertório lexical da Libras. Nesse sentido, são comuns usar termos como derivação, flexão, sufixação e infixos, conforme demonstra a base teórica deste estudo. Todavia, a Libras apresenta mais processos composicionais, considerando sua natureza isolante, que desempenham funções, tais como: flexão, no que tange à marcação de gênero (função gramatical) e à formação de itens lexicais (função lexical).

Além disso, compreendemos que o léxico constitutivo da Libras se materializa pelo uso da incorporação de números, da negação e de recursos miméticos como os classificadores, por exemplo, que comportam as funções de descrever, representar e classificar objetos, pessoas e animais. Constatamos que, a natureza morfológica dessa língua

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 15 | n. 39 | p. 10 – 26 | set/dez 2021

é diversa, dinâmica e se distingue dos elementos tradicionais utilizados no processo de compreensão das línguas orais.

E, para finalizar a discussão tratada neste trabalho, concluímos que inúmeras investigações ainda serão necessárias, no devir, para se desmistificar as influências das categorias de estudos das línguas orais sobre a Libras, posto que, torna-se essencial observar as singularidades que constituem a formação e a organização linguística dessa língua de sinais.

REFERÊNCIAS

BERNARDINO, Elidéa Lúcia Almeida. O uso de classificadores na língua de sinais brasileira. **ReVEL**, v. 10, n. 19, 2012. Disponível em: http://www.revel.inf.br/files/6ecf02602b-4f746097e5749734cfd433.pdf. Acesso em: 11 de abr. 2020.

FELIPE, Tanya Amara. Os processos de formação de palavras na Libras. **ETD – Educação Temática Digital**, Campinas, v. 7, n. 2, p. 200-217, jun. 2006. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/803. Acesso em: 11 de jan. 2018.

FIGUEIREDO SILVA, Maria Cristina; SELL, Fabiola Ferreira Sucupira. Algumas notas sobre compostos em português brasileiro e em Libras. In: Roberta Pires de Oliveira; Carlos Mioto. (Org.). **Percursos em Teoria da Gramática**. 1ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2011, p. 17-41.

GONÇALVES, Carlos, **Alexandre. Atuais tendências em formações de palavras**. São Paulo: Contexto, 2016.

PETTER, Margarida Maria Taddoni. Morfologia. In: FIORIN, José Luiz (org.). **Introdução à Linguística II**: princípios de análise. 5. ed., 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2016.

PIZZIO, Aline Lemos. **A tipologia linguística e a Língua de Sinais Brasileira**: elementos que distinguem nomes de verbos. 2011. Tese (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-graduação em Linguística, Florianópolis, 2011. Disponível em: https://core.ac.uk/reader/30376990. Acesso em: 11 de nov. 2018.

QUADROS, Ronice Müller; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua Brasileira de Sinais**: estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, Ronice Müller. **Libras**. São Paulo: Parábola, 2019.

RIO-TORTO, Graça. Caminhos para renovação lexical: fronteiras do possível. In: ISQUERDO, Aprecida Negri; ALVES, Ieda Maria (orgs.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. v. III. Campo Grande: Ed. UFMS; São Paulo: Humanitas, 2007.

ROSENDO-SOUZA, José Marcos. **Um estudo sobre os sinais-termo das plantas medicinais falados por surdos**. 2020. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL-UERN-CAPF), 2020. Disponível em: https://www.uern.br/controledepaginas/defendidas-em-2020_/arquivos/6182tese_final_jose_marcos_rosendo.pdf. Acesso em: 14 mar. 2022.

XAVIER, André Nogueira; GRESPAN-NEVES, Sylvia Lia. Descrição de aspectos morfológicos da Libras. **Revista Sinalizar**, v. 1, n. 2, p. 130-151, jul./dez. 2016. Disponível em: < https://www.revistas.ufg.br/revsinal/article/view/43933/22087. Acesso em: 14/03/2022.

XAVIER, André Nogueira; FERREIRA, Daiane. Análise morfológica de sinais da Libras que nomeiam bairros de Curitiba. **Revista Letras**, v. 103, n. 1, 2021. Disponível em: https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/80573. Acesso em: 14 mar. 2022.

RECEBIDO: em 05/07/2021
APROVADO: em 16/03/2022